

Análise do comportamento: do que estamos falando?

Behavior analysis: what are we speaking of?

Eduardo Tadeu da Silva Alencar

Graduando 5º ano em Psicologia – Uninove; Técnico em Administração de Empresas. São Paulo – SP [Brasil] etadeu@gelre.com.br; eduardo_rh2000@yahoo.com.br

Neste artigo, apresenta-se uma das abordagens da ciência da Psicologia: a análise do comportamento, tendo como base filosófica o behaviorismo radical do americano B. F. Skinner (2000) que, em contraposição ao behaviorismo metodológico, define comportamento como a interação entre indivíduos e seu meio ambiente, o que nos permite observar, como cientistas, analisar e descrever condutas de maneira diferenciada dos demais referenciais teóricos da psicologia. Pretendeu-se, por intermédio deste estudo, destacar, com base na literatura científica, as características conceituais e metodológicas utilizadas por essa corrente para compreender o homem em suas relações com o mundo, promovendo, posteriormente, uma reflexão sobre a escolha do autor por essa diferente visão e prática psicológica.

Palavras-chave: Análise do comportamento. Behaviorismo radical. Comportamento humano. Psicologia.

In this article it is presented one of the approaches of the science of the psychology: the analysis of the behavior, taking as philosophical basis the B. F. Skinner's, that, in contrast to the radical behaviorism methodological behaviorism, defines behavior as the interaction among individuals and their environment, allowing us, as scientists, to observe, analyze and describe differentiated conducts in relation to other theoretical references of Psychology. The aim was to point out, based on the scientific literature, the conceptual and methodological characteristics used by this theory to understand man's interactions with the world, promoting, subsequently, a reflection about the author's choice for this different view and psychological practice.

Key words: Behavior analysis. Human behavior. Psychology. Radical behaviorism.

Editorial

Ponto de vista

Artigos

Instruções
para os autores

1 Introdução

Atualmente, a psicologia concentra áreas teóricas, conceituais, filosóficas e experimentais em constante desenvolvimento, o que possibilita infinitas maneiras de compreender o homem, o mundo e a relação entre eles. Nas principais abordagens que constituem a ciência denominada “Psicologia”, encontramos a análise do comportamento humano que possui suas raízes filosóficas no behaviorismo radical do americano B. F. Skinner (2000).

A análise do comportamento lida com o manejo de nosso comportamento e o dos outros. Como estamos sempre ajustando nossas ações às demandas do mundo ao nosso redor, esse tipo de análise compreende estudar tais ajustes. Nesse contexto, é importante aceitar que pessoas, lugares e coisas sempre controlam as ações de quaisquer indivíduos e que as condutas humanas estão sempre em reconstrução. Além disso, deve-se levar em consideração que o organismo vivo sofre influências de contingências filogenéticas (no nível do banco genético das espécies), ontogenéticas (no nível de repertórios comportamentais dos indivíduos) e culturais (no nível das práticas grupais de uma cultura ou sociedade). Analistas do comportamento tentam descobrir como estabelecer, facilitar, impedir ou evitar esse controle ou, ainda, buscar ordem entre eventos, como complementam Matos e Tomanari (2002).

2 Behaviorismo radical: filosofia da análise do comportamento

Sidman (2003) afirma que a ciência da análise do comportamento tem suas raízes na filosofia; por isso, distinguiu-se como um ramo da emergente disciplina da psicologia e, pelo fato de adquirir essa independência, está agora no processo de desengajar-se dessa disciplina, que, como o próprio nome sugere, preocupa-se com o estudo da mente e da alma. Já a análise do comportamento é a ciência do comportamento.

Matos e Tomanari (2002) parecem concordar com Sidman quando afirmam que o behaviorismo radical propõe que o objeto de estudo da psicologia deva ser o comportamento dos seres vivos, especialmente o do homem. É radical na medida em que nega ao psiquismo a função de explicar o comportamento, embora não negue a possibilidade de, por meio de uma estrutura da linguagem, estudar eventos encobertos, tais como pensamento e emoções, só acessíveis ao próprio sujeito, ou seja, tanto na filosofia quanto no momento atual, o foco dessa abordagem se mantém no comportamento humano. Difere, ainda, do behaviorismo metodológico proposto por J. B. Watson, em 1913, em que a concepção de ambiente se limitava apenas às condições externas e observáveis, e no qual se considerava de suma importância, em termos de rigor científico, o critério de “verdade por consenso público”, que só pode ser alcançado por meio de eventos externos e públicos. Na medida em que os aspectos do ambiente interno não são nem podem ser verificados por observadores independentes, conforme apontam Teixeira Júnior e Souza (2006) e Hubner (2005), eles não poderiam ser, de acordo com essa abordagem, objeto de uma ciência.

Watson (1913) enquadra-se na busca de uma sociedade administrativa e estritamente funcional, na qual o comportamentalismo, na verdade, não seria um projeto de psicologia científica, mas de uma nova ciência, ou seja, uma ciência do comportamento que viria ocupar o lugar da psicologia. Essa ciência deveria ser, segundo o autor, uma ciência natural, um ramo da biologia, em que o sujeito se caracterizaria como aquele que não sente, não pensa, não decide, não deseja e não é responsável por seus atos, isto é, seria apenas um organismo e, nessa condição, o ser humano se assemelharia a qualquer outro animal. Por essas influências é que a forma de conhecer a psicologia científica dedicou grande atenção aos estudos de seres humanos com ratos, pombos, cachorros e macacos, entre outros animais.

Milhollan e Forisha (1978) afirmam que, contrapondo-se a esse tipo de behaviorismo, Skinner apresenta a mesma preocupação em relação aos controles e aos critérios científicos, tanto que realizou a maioria de suas experiências com animais inferiores – principalmente pombo e rato branco. Diferentemente de Watson, o americano B. F. Skinner desenvolveu o que se tornou conhecido como “caixa de Skinner”, aparelho para o estudo do comportamento animal. Tipicamente, um rato é colocado em uma caixa fechada que contém apenas uma alavanca e um fornecedor de alimento. Quando o animal aperta a alavanca sob as condições/critérios estabelecidos pelo experimentador, uma bolinha de alimento cai sobre a tigela, recompensando-o. Depois da resposta, o experimentador pode controlar seu comportamento por meio de uma infinita variedade e gama de estímulos. Além disso, tal(is) comportamento(s) pode(m) ser modelado(s) ou modificado(s) gradativamente até aparecerem respostas que, ordinariamente, não faziam parte do repertório comportamental do indivíduo. O êxito desses esforços levaram Skinner a acreditar que as leis da aprendizagem se aplicam a todos os organismos vivos e que, portanto, tudo que o homem faz, seja “dentro” ou “fora” da pele, seria resultado de contingências de reforçamento.

Em conjunto com as outras vertentes teóricas da psicologia, o behaviorismo radical evoluiu a ponto de dividir, conceitualmente, o comportamento humano como: a) respondente, b) operante e c) verbal. O comportamento operante é fortalecido ou enfraquecido por eventos posteriores à resposta de um organismo: cada vez que eu abro a porta (resposta do organismo) tenho acesso a outro lugar (evento posterior a resposta). Nesse contexto, o comportamento de abrir a porta para acessar outros lugares é fortalecido, de maneira que não vemos nenhum organismo abrindo as paredes de uma casa quando quer acessar determinados locais. Além de sua característica principal de focar a possibilidade de aprendizagem e de interação entre o homem e o ambiente, esse tipo de comporta-

mento é assimilado pelo organismo ao longo de sua história de vida. O comportamento respondente é controlado pelos estímulos antecedentes à resposta de tal organismo; por exemplo, quando fecho os olhos (resposta do organismo), recebo um estímulo intenso de luz (evento antecedente à resposta), tendo ainda como característica comportamentos relacionados à espécie, ao fisiológico, também conhecidos como fatores filogenéticos que possuem caráter “mecânico” estímulo-resposta. Por último, temos o comportamento verbal, introduzido por Skinner, em 1957, em substituição da palavra “linguagem” e que pode singelamente ser definido como aquele que é estabelecido e mantido por reforçamento (estímulos que seguem uma resposta do organismo, afetando-o, fortalecendo ou enfraquecendo a resposta, como no exemplo do abrir a porta), mediado por outra pessoa.

A ausência de uma compreensão clara desses conceitos, constatada por Thomaz et al. (2006), faz com que os estudantes da graduação de psicologia critiquem injustamente essa abordagem. Brandão, Conte e Mezzaroba (2003) apontam alguns exemplos de tais críticas: a) há um tratamento mecanicista do ser humano; b) não oferece tratamento para os problemas de natureza emocional; c) entre outras.

Todo comportamento, seja ele operante, respondente ou verbal, alinhado a outros conceitos da análise do comportamento (reforço, coerção, esquemas de reforçamento, punição, entre outras definições que percorrem a teoria), disponíveis na filosofia do behaviorismo radical, organizados e propostos por Skinner (1992/2000), proporciona aos psicólogos adeptos dessa abordagem o exercício de eficientes práticas, análises funcionais e técnicas para correção de déficits comportamentais, transtornos de ordem “mental” – obsessivo-compulsivo, anorexia, autismo, entre outros – da alçada de psiquiatras e psicólogos.

Sidman (2003) chama a nossa atenção para o fato de que não é “nenhum bicho de sete cabeças” analisar a conduta humana, desde que consigamos manter o rigor metodológico e cien-



tífico em nossas práticas; por isso, afirma que, pela frequência de respostas, é possível detectar determinada conduta, ou seja, chamamos alguns alunos de falantes pelo fato de observarmos que falam bastante; uns de inteligentes, em razão de estudarem muito; outros de céticos, pois questionam muito seus professores; há também os felizes, porque sorriem demais, e assim por diante. Nessa abordagem, portanto, não precisamos recorrer a aspectos “mentais” para realizar análises do comportamento humano. Considera-se ainda que a consciência, os sentimentos, as emoções e a personalidade são decorrentes de contingências que formam repertórios comportamentais que socialmente aprendemos a nomear de inteligente, dinâmico, carinhoso, bravo, chato, legal, ativo, perspicaz, burro, entre outras topografias.

3 Demandas e possibilidades de atuação de um analista do comportamento

Mesmo parecendo “simples” ou “mecanicista”, a abordagem comportamental vai além do que chamamos de “fácil” ou “causal”. Embora o comportamento operante, por exemplo, fique sob controle de estímulos (antecedentes, posteriores, ou ambos à resposta de um organismo), tal controle é apenas parcial e condicional. A resposta operante de erguer o garfo para comer, por exemplo, não é simplesmente eliciada pela vista da comida no prato ou pela presença do garfo. Depende também de variáveis, tais como nossa fome, preferências alimentares que fazem parte de nossa história de vida, sensibilidade a reforçadores, entre outras condições de controle. No campo do comportamento verbal e reflexo, também observamos um leque de variáveis que influenciarão a análise e as considerações de um cientista do comportamento.

Analisar o comportamento humano (abordagens comportamentais), portanto, torna-se tão complicado quanto esmiuçar a mente humana (abordagens psicodinâmicas) ou a existência do homem no mundo (abordagens

existenciais). A diferença entre elas é que, nesse contexto, o behaviorismo é radical, na medida em que busca chegar à raiz dos comportamentos e observar a ordem entre os eventos (homem e suas relações).

Embora tenham muito mais a oferecer, os analistas do comportamento são, talvez, mais frequentemente chamados para lidar com problemas de comportamento – autodestruição em retardos ou autismo, destruição do ambiente (exceto, naturalmente, quando os exploradores fazem isso por lucro), violações de normas sociais e condutas que afligem as famílias e a comunidade.

Um exemplo dessas contribuições é apontado na obra de Sidman (2003) que nos ensina que, se quisermos diminuir a desistência dos alunos nas escolas e, ao mesmo tempo, aumentar a sua participação, um primeiro passo útil será realizar uma análise comportamental (funcional), com o objetivo de detectar se o ato “desistir”, afinal de contas, poderia ser considerado um comportamento decorrente de contingências (ontogenéticas, filogenéticas e culturais). Uma maneira de torná-lo mais ou menos provável consistiria em arranjar conseqüências apropriadas para atingir a frequência ou comportamento desejado: comece examinando a interação entre alunos e professores, alunos e alunos, alunos e administradores escolares, para, posteriormente, identificar e eliminar estimulações aversivas (o que enfraquece a frequência de resposta de ir à escola) de que tornam a fuga desse ambiente tão reforçador (fortalece a frequência da resposta de circular por outros ambientes que não a escola), e assim por diante.

A observação de frequência das respostas dá ao observador dados concretos sobre como os eventos operam entre si, fornecendo, portanto, bases, via probabilidade e contextualização de variáveis, para prevenção e intervenções comportamentais, que poderiam ser ampliadas das mais diversas relações “homem-ambiente”, tais como funcionário-empresa, em Sidman (2003), Borges (2004), Miguel (2001); cliente-terapeuta, em Zamboni (2002); sujeito-família, em

Sidman (2003); sujeitos e seus sentimentos, em Carvalho (1999); sujeito-educação, em Milhollan e Forisha (1978) e Hubner (2005); sujeito-depressão, em Cavalcante (1997); sujeito-estresse, em Thomaz (2005); sujeito-cultura, em Martone, Moreira e Todorov (2005) e Lamal (1991), e sujeito-leis, em Macedo (2004).

4 Considerações finais

Gostaríamos de finalizar este artigo explicando por que somos adeptos da terapia comportamental. Inicialmente, destacamos o aspecto mais distinto que esse tipo de terapia oferece a psicoterapeutas: a possibilidade de comando tanto no planejamento da estratégia geral da terapia quanto no controle de seus detalhes à medida que prossegue.

É ilusão acreditar que essa característica seja sinônimo de “manipulação do comportamento”. Refere-se a “comando”, a flexibilidade funcional em dirigir a terapia quando estamos sensíveis às contingências (relação sujeito-ambiente), tendo por base as discussões anteriores desta abordagem sobre o comportamento (homem e suas relações com o meio) e os estímulos que o afetam. Nesse sentido, não apenas no contexto clínico, mas também no organizacional, hospitalar, educacional, esportivo, forense, de trânsito, *marketing*, acompanhamento terapêutico e nos demais campos de atuação do psicólogo, quando um tipo de técnica falha em mudar condutas humanas, outra, imediatamente, é tentada. Quando há mudanças desejadas, torna-se nítida a observação dos resultados, podendo ser facilmente mantida e/ou reforçada a depender dos ambientes com os quais os nossos clientes se relacionam.

Os desafios para um analista do comportamento, portanto, além das variáveis discutidas, certamente esbarrarão na gama de estímulos incontroláveis – morte, envelhecimento, chuva, calor, neve, furto, roubo, enchentes, ou seja, o rol de manifestações ambientais que afetarão nossos clientes, independentemente de conduta

terapêutica – presentes nos ambientes de cada sujeito, controlando e afetando, de forma única e peculiar, diversos repertórios comportamentais.

Embora não possam atuar efetivamente na área de estímulos incontroláveis, a modalidade de acompanhamento terapêutico e a prática clínica extraconsultório, sob a ótica analítico-comportamental proposta por Zamignani, Kovac e Vermes (2007), já aproximam o terapeuta dos ambientes naturais de nossos clientes e, conseqüentemente, de observação, avaliação e intervenção diferenciada em atendimento clínico, na medida em que a postura terapêutica não se limita a “quatro paredes”.

Na graduação de psicologia, passamos a concordar com Sidman (2003) a respeito de que a análise de contingências é um procedimento ativo, não uma especulação intelectual. É um tipo de experimentação que não ocorre apenas em laboratório, mas também no mundo cotidiano. Bons analistas do comportamento estão sempre experimentando, analisando contingências, transformando-as e testando suas análises, além de observarem se o comportamento mudou ou não, ficando sensível ao cliente, não simplesmente por meio de técnicas como faziam os “modificadores do comportamento” no auge do behaviorismo metodológico.

Outro atrativo dessa ciência é que as observações científicas, também chamadas de “análises funcionais”, permitem a previsão e, conseqüentemente, o planejamento de eficazes intervenções. Tais aspectos fortalecem o fato de que essa terapia é muito requisitada para ajustar hábitos indesejados (neuroses, transtornos, psicoses etc.), tanto por profissionais da saúde quanto pelos próprios psicólogos adeptos de outras abordagens. Os demais conceitos disponíveis em seu arcabouço teórico, tais como metacontingências, macrocontingência, controle de estímulos, esquemas de reforçamento, equivalência de estímulos, coerção, e modelos experimentais de psicopatologia, complementam uma ciência que, embora seja relativamente nova em comparação com as tradicionais abordagens psicológicas,

já tem muito que contribuir para as demandas clínicas, organizacionais, educacionais, hospitalares, jurídicas, como apontado por Sidman (2003), ao dizer que há muito mais demanda para um analista do comportamento do que simplesmente receber, em seu consultório, casos extremamente complicados que necessitam de uma mudança imediata de repertório comportamental dos sujeitos.

Cada abordagem psicológica compartilha reflexões em comum e extremamente diferentes sobre a visão de homem X mundo X suas relações. Nessa diversidade que compõe a ciência psicológica, podemos afirmar que Sidman também tinha razão quando dizia que somos afortunados por nosso comportamento ser sensível às suas conseqüências, e o deste articulista, nesse contexto, ficou sensível à análise do comportamento cujas raízes filosóficas surgiram do behaviorismo radical, de B. F. Skinner.

Por fim, acreditamos que, se cada vertente teórica continuar a investir rigorosamente em sua filosofia / epistemologia, metodologia, pressupostos éticos, visões de homem e mundo, técnicas, produção e revisão literária, organização e produção de conhecimento, extensão de sua prática aos infinitos campos de atuação (clínica, escola, organizações, trânsito, forense, marketing, hospitalar, afins), autocríticas e preenchimento de lacunas conceituais, todas tenderão a tornar-se ciências independentes. Enquanto não atendem a essas necessidades, elas se complementam, esbarram-se, enfrentam-se e se entrelaçam em diversas temáticas agrupadas na ciência, hoje conhecida como Psicologia.

Referências

BORGES, B. N. Análise aplicada do comportamento: utilizando economia de fichas para melhorar desempenho. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 31-38, jun. 2004.

BRANDÃO, M. Z. S.; CONTE, F. C. S.; MEZZAROBBA, S. M. B. *Tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor*. São Paulo: ESEtec, 2003.

CARVALHO, S. G. O lugar dos sentimentos na ciência do comportamento e na psicoterapia comportamental. *Universidade Presbiteriana Mackenzie. Revista Psicologia: teoria e prática*, v. 1, n. 2, p. 33-36, 1999.

CAVALCANTE, S. N. Notas sobre o fenômeno depressão a partir de uma perspectiva analítico-comportamental. São Paulo. *Rev. Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 17, n. 2, p. 2-12, 1997.

HUBNER, M. M. C. O Skinner que poucos conhecem: contribuições do autor para um mundo melhor, com ênfase na relação professor-aluno. Momento do professor. *Revista de Educação Continuada*, São Paulo, ano 2, n. 4, p. 44-49, 2005.

TEIXEIRA JÚNIOR, R.R.; SOUZA, M. A. O. de. *Vocabulário de análise do comportamento: um manual de consultas de termos usados na área*. São Paulo: ESEtec, 2006.

LAMAL, P. A. *Behavioral analysis of societies and cultural practices*. Washington, DC: Hemisphere Publishing, 1991. p. 39-73.

MARTONE, R. C.; MOREIRA, M. B.; TODOROV, J. C. *Metacontingência, comportamento, cultura e sociedade*. São Paulo: ESEtec, 2005.

MACEDO, L. M. D. S. *Os projetos de lei municipal sobre violência da cidade de São Paulo (1991 a 2003): uma categorização comportamental*. 2004. Dissertação (Mestrado em Análise Experimental do Comportamento) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

MATOS, M. A.; TOMANARI, G. Y. *Análise do comportamento no laboratório didático*. São Paulo: Manole, 2002. cap. I e II.

MIGUEL, C. F. Uma introdução ao gerenciamento organizacional das organizações. In: DELITTI, M. (Org.). *Sobre comportamento e cognição*. São Paulo: ESEtec, 2001.

MILHOLLAN, F.; FORISHA, B. E. *Skinner & Rogers: maneiras contrastantes de encarar a educação*. 8. ed. São Paulo: Summus, 1978.

SIDMAN, M. *Coerção e suas implicações*. Campinas: Livro Pleno 2003.

SKINNER, B. F. *Verbal behavior*. Cambridge, Massachusetts: Prentice-Hall, 1992.

_____. *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

THOMAZ, C. R. C. *O efeito da submissão a estressores crônicos e moderados*. São Paulo: PUC-SP, 2005.

THOMAZ, C. R. C. et al. *Conhecimento do aluno sobre o behaviorismo radical e sua concepção de psicologia*. São Paulo: Redepsi, 2006. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=306>>. Acesso em: out. 2007.

WATSON, J. B. Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review*, n. 20, p. 158-177, 1913.

ZAMIGNANI, D. R.; LABETE, M. C. *A vida em outras cores: superando o transtorno obsessivo compulsivo e a síndrome de Tourette*. 1. ed. Santo André: ESETec, 2002.

_____; KOVAC, R.; VERMES, J. S. *A clínica de portas abertas: experiências e fundamentações do acompanhamento terapêutico e da prática clínica em ambiente extraconsultório*. São Paulo: ESETec, 2007.

Recebido em 4 ago. 2006 / aprovado em 5 out. 2007

Para referenciar este texto

ALENCAR, E. T. da S. Análise do comportamento: do que estamos falando? *ConScientiae Saúde*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 261-267, 2007.



